



As Relações de Poder que envolvem a Produção e o Consumo de Alimentos Agroecológicos e Orgânicos em Campo Grande - MS

The Power Relations Surrounding the Production and Consumption of Agroecological and Organic Food in Campo Grande - MS

DE LIMA, Tiago Eloi¹; PASSAMANI, Guilherme R¹.

¹Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, tiagoeloi10@hotmail.com

Resumo: No século XXI, pela primeira vez, a população humana é majoritariamente urbana. Essa configuração colide com o cenário do capitalismo tardio, de forma que seu modo de produção abarca desafios globais urgentes. Em vista dos sintomas da crise climática, este trabalho visa analisar as relações de poder que dificultam o comércio da produção agroecológica em Campo Grande - MS. Nesse sentido, essa pesquisa visa contribuir nos estudos da ecologia urbana a partir da antropologia urbana, estudando 3 grupos de produtores rurais que comercializam na cidade, refletindo acerca dos potenciais contradições entre a agroecologia e o agronegócio. Assim, por meio de uma pesquisa etnográfica, pretende-se perceber de que forma a cidade, seus habitantes, as identidades culturais e relações sociais são constituídas, disputadas e transformadas ao longo desse processo.

Palavras-chave: agroecologia, antropologia urbana, ecologia urbana, agronegócio.

Abstract: In the 21st century, for the first time, the human population is mostly urban. This configuration clashes with the scenario of late capitalism, so that its mode of production addresses urgent global challenges. In view of the symptoms of the climate crisis, this work aims to analyze the power relations that hinder the trade in agroecological production in Campo Grande - MS. In this sense, this research aims to contribute to studies of urban ecology from the perspective of urban anthropology by studying three groups of rural producers who sell in the city, reflecting on the potential contradictions between agroecology and agribusiness. Thus, through ethnographic research, the aim is to understand how the city, its inhabitants, cultural identities and social relations are constituted, disputed and transformed throughout this process.

Keywords: agroecology, urban anthropology, urban ecology, agribusiness.

Introdução

O Brasil é palco de disputas no processo de acabar com a fome e promover avanços significativos em direção a uma agricultura sustentável. Mesmo na melhor série histórica, quando saiu do Mapa da Fome da ONU (Organização das Nações Unidas) em de 2014 para 2015, o avanço não se manteve e os indicadores voltaram a piorar. De acordo com relatório O Estado da Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo (SOFI) de 2022, publicada pela FAO (Organização das Nações Unidas para a



Alimentação e a Agricultura), 70,3 milhões de pessoas estiveram em estado de insegurança alimentar moderada, que é quando pessoas passam por incertezas sobre o acesso a alimentos. Já a insegurança alimentar grave, caracterizada por estado de fome, atingiu 21,1 milhões de pessoas (FAO, 2023).

As relações de poder que atravessam a produção no campo e consumo de alimentos nas cidades podem ser diversas. O caminho dos alimentos ainda é uma incógnita para a maioria da população no Brasil, não se sabe a origem da comida, que condições e por quem foi produzida, quem detém poder sobre sua distribuição e para onde vai. Dentre os principais problemas, a desigualdade de distribuição de terras no país merece atenção.

De acordo com o Censo Agrário do Brasil de 1940 (Leal, 2012), 48% das terras agricultáveis do Brasil estavam concentradas nas mãos de 1,7% dos proprietários. Em 2018, 48% das terras agricultáveis do Brasil acima de 1.000 hectares estavam concentradas nas mãos de 1% dos proprietários (IBGE, 2020). A concentração fundiária continua praticamente a mesma, na medida que a degradação ambiental acelera a passos largos, acompanhada da morte de camponeses, sem-terra, ambientalistas, indígenas, quilombolas, entre outros grupos rurais. A continuação dessa pesquisa buscará estudar as diferenças de terras no Mato Grosso do Sul e em Campo Grande, para verificar se a distribuição de terras está diretamente ligada ao poder do grande proprietário em relação ao pequeno produtor rural na rede de comercialização.

Os supostos avanços tecnológicos são submetidos ao poder político e às relações econômicas no qual são produzidos. A fome não pode ser considerada consequência da falta de tecnologias avançadas de produção agrícola e capacidade produtiva. Quando foi introduzida no Brasil a chamada “Revolução Verde” nos anos 60, a ideia se sustentava na ilusão de que o problema da fome nos países de terceiro mundo seria solucionado a partir de novos fertilizantes, maquinários, agrotóxicos, agricultura de alta densidade tecnológica etc. (Lazzari; Souza, 2017). A ilusão era a fácil associação da fome no terceiro mundo com processos produtivos considerados atrasados e de baixa produtividade comparados com a novidade da solução proposta pela indústria do agronegócio. Passaram-se mais de 50 anos desse domínio econômico, político e ideológico, com resultados catastróficos.

De acordo com o RAD (Relatório Anual de Desmatamento) do Map Biomas (2023), o desmatamento no Brasil totalizou 2,05 milhões de hectares, sendo os biomas mais afetados a Amazônia (com aproximadamente 21 árvores derrubadas por segundo) e o Cerrado. A agropecuária manteve sua liderança e se firmou como principal causa dos desmatamentos, com 95,7% da devastação, o equivalente a 1,96 milhão de hectares. Comparada com outras atividades, o garimpo devastou 5,9 mil hectares e a mineração 1,1 mil hectares. De 2019 a 2022, foram detectados 303 mil focos de



desmatamento totalizando em 6,6 milhões de hectares, correspondente a 1,5 vezes a área do estado do Rio de Janeiro.

O que se sabe é que o agronegócio pôde alcançar em 2023, em estimativas, R\$2,6 trilhões de reais de PIB (Produto Interno Bruto) para o país, praticamente um quarto do total (CEPEA). O agronegócio vem se fortalecendo com grande poder econômico, transformando-o em político e ideológico. O ano de 2023 foi o de maior Plano Safra da história do Brasil, que destinou empréstimos a juros subsidiados para a produção agropecuária para médios e grandes produtores no valor de R\$364,2 bilhões, e para a agricultura familiar, apenas R\$71,6 bilhões (GOV BR).

Dessa forma, é aplicado o poder econômico - político, resultando em domínio territorial pelas facilidades tributárias não atribuídas às terras, além do incentivo governamental em empréstimos para a produção. Essa desigualdade de poder altera diretamente o arranjo da população rural e urbana, com cada vez mais camponeses e trabalhadores incorporados nas cidades, vendendo suas pequenas propriedades e trabalhando em áreas de comércio, serviços, indústria, entre outros setores urbanos. O grande proprietário consegue se apropriar da terra, da sua produção, dos seus lucros comerciais, agrícolas e industriais ao mesmo tempo.

Diante desse cenário, a forma de produção de alimentos, consumo, preservação ambiental, distribuição de terras e relações sociais devem ser repensadas e alguns questionamentos levantados. Quais as dificuldades dos pequenos produtores rurais em comercializar seus produtos na cidade? Quais espaços da cidade são permitidos, propícios e adversos para esse comércio? Qual a influência do agronegócio no monopólio do mercado e dos alimentos? Existem diferenças de público dos mercados privados e das feiras? Que relações urbanas são formadas nesses espaços à luz da antropologia? Quais alternativas possíveis para o combate à fome e a agricultura sustentável em Campo Grande? Esses questionamentos permeiam o problema central da pesquisa, que é analisar as relações de poder que envolvem a produção agroecológica e o seu consumo em Campo Grande - MS.

Em contrapartida ao agronegócio como sistema dominante, este trabalho visa explorar a agroecologia à luz antropologia urbana para destrinchar essas relações.

De acordo com Francisco Roberto Caporal (2009):

Agroecologia busca integrar os saberes históricos dos agricultores com os conhecimentos de diferentes ciências, permitindo tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo do desenvolvimento e de agricultura como o estabelecimento de novas estratégias para o desenvolvimento rural e novos desenhos de agriculturas mais sustentáveis, desde uma abordagem transdisciplinar, holística. (Caporal, 2009, P.40)

Segundo Ana Maria Primavesi (2001), professora, pesquisadora e engenheira agrônoma austríaca radicada no Brasil, a agroecologia é uma ciência e prática que



busca a sustentabilidade dos sistemas agrícolas, promovendo a interação harmoniosa entre os seres humanos com o resto da natureza. “É o manejo consciente dos sistemas naturais a favor da produção de alimento, em solos sadios e variedades adaptadas” (Primavesi, 2001, p.30).

Esses conceitos permitem algumas aproximações. O solo enquanto ser vivo precisa ser nutrido, para além de servir como suporte de plantação, assim como a cidade é um organismo vivo, e não apenas suporte para humanos. De que forma as relações urbanas são afetadas pela produção no campo?

Se campo e cidade são formas espaciais produzidas por relações sociais, rural e urbana constituem as relações que configuram o modo de vida específico para cada espaço, ou seja, são conteúdos que dão vida a essas formas. Assim, rural e urbano extrapolam os limites tradicionais. As contradições colocam a realidade plural do desenvolvimento da sociedade: o campo é espaço predominantemente rural, mas não exclusivamente; a cidade é o espaço urbano, o que não significa que seja exclusivamente urbano (Locatell, 2013, p. 88).

Ao analisar a relação da produção agroecológica com o consumo em Campo Grande, a cidade pode ser vista como um cenário onde diferentes grupos disputam espaços de poder. Adentrando nas discussões de antropologia urbana, sugiro uma relação proposta por Norbert Elias e John Scotson em “Os Estabelecidos e os outsiders” (2000). O agronegócio, como o “estabelecido”, controla grande parte das infraestruturas de produção e distribuição, enquanto os pequenos agricultores agroecológicos são os “outsiders” marginalizados, com dificuldades em acessar o mercado e competir em termos de escala. A segregação entre esses dois grupos não é apenas econômica, mas também social, cultural e simbólica.

Metodologia

Para a metodologia adotada, será utilizada a abordagem de pesquisa qualitativa, com viés etnográfico que envolve revisão sistemática de literatura sobre agroecologia, agronegócio, dados governamentais e produção sustentável, contextualizando esses temas à luz da antropologia em geral e da antropologia urbana em particular.

O método etnográfico será aplicado pelo acompanhamento dos interlocutores envolvidos, principalmente nas feiras, nos sítios e nos assentamentos. Está sendo construída uma rede de interlocutores, que é acompanhada e conversada, buscando compreender os significados culturais subjacentes às práticas observadas, com descrição densa do processo e enfoque nos(as) pequenos(as) produtores(as) rurais, em especial três grupos: a Associação Sul Mato-Grossense de Produtores Orgânicos e Agroecológicos - ASULPOA que comercializam na Feira Orgânico CG, o coletivo Enxame Agroecológico, que é uma rede de fomento, produção e venda de alimentos



agroecológicos da reforma agrária presentes Armazém do Campo e na feira Ziriguidum e por fim, o Sítio Primavera, que comercializa produtos agroecológicos na Feira do Bosque da Paz.

Assim como Mariza Peirano (1995) descreve a relação entre o trabalho de campo e a etnografia de Evans-Pritchard, a estratégia deste trabalho confia na força da relação das experiências e suas consequências intelectuais e emocionais para seu desenvolvimento, considerando o contexto histórico amplo, das situações não esperadas do dia a dia, de modo que a pesquisa se permita guiar pelo interesse do grupo pesquisado, e não das predefinições temáticas do pesquisador.

(...) a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada quando desafia os conceitos estabelecidos pelo senso comum no confronto entre a teoria que o pesquisador leva para o campo e a observação entre os nativos que estuda (Peirano, 1995).

Nas palavras de José Carlos Magnani (2009) sobre a etnografia:

(...) é possível postular, de uma maneira sintética, que a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (Magnani, 2009).

Esta pesquisa procura se embasar na antropologia interpretativa surgida nos anos 70 nos EUA, apoiada no propósito weberiano de que a observação dos fatos sociais levam a compreensão, e não a um conjunto de leis. A descrição densa do processo será contemplada no trabalho, com anotações das dinâmicas sociais e elementos que envolvem o sistema de comercialização e consumo dos produtos agroecológicos e orgânicos nas feiras.

Clifford Geertz (1973) propõe uma forma de análise hermenêutica da cultura, em que a descrição densa, em profundidade, serve como metodologia além da observação superficial de determinados comportamentos, mas sim “teias de significados” que devem ser interpretados. Para ele, esses textos antropológicos são interpretações sobre a interpretação nativa de si própria, sendo essencial interpretar os símbolos e práticas que constituem determinada cultura.

As conversas informais, as observações de situação, a observação participante e as entrevistas semiestruturadas serão ferramentas de análise, envolvendo ativamente as atividades das feiras urbanas e possíveis locais de comercialização na cidade. As práticas agrícolas, interações sociais e dinâmicas urbanas também serão registradas. A observação participante, metodologia experimentada e analisada por Malinowski



(1978), como uma forma de sensibilidade e a capacidade para apreciar a companhia dos sujeitos pesquisados, fará parte do processo. Fenômenos que podem não ser percebidos somente por questionários ou entrevistas prévias serão buscados e contemplados.

Além disso, os dados produzidos durante o trabalho de campo serão registrados em um diário de campo, buscando refletir uma descrição densa do contexto observado e com o qual eu estarei em interação. De acordo com Miriam Goldenberg (2004), o diário de campo representava para Malinowski uma ferramenta para o registro do contato com o nativo.

Malinowski sugeriu três questões para o trabalho de campo: o que os nativos dizem sobre o que fazem? O que realmente fazem? O que pensam a respeito do que fazem? Por meio do contato íntimo com a vida nativa, exaustivamente registrado no diário de campo, Malinowski buscou as respostas destas questões preocupando-se em compreender o ponto de vista nativo. Para Malinowski, a antropologia era o estudo segundo o qual compreendendo o "primitivo" poderíamos chegar a compreender melhor a nós mesmos. (Goldenberg, 2004).

Para Rita Cachado (2021), o diário de campo representa o caderno do pesquisador, no encontro entre a realidade e a reflexão etnográfica, sendo base documental de encontros de intersubjetividades nos terrenos etnográficos. Serão conduzidas conversas informais com pequenos(as) produtores(as) rurais e consumidores(as) na cidade. As perspectivas locais sobre agroecologia, o agronegócio, comercialização e consumo serão exploradas, coletando dados e informações sobre o contexto.

Somado a isso, serão realizadas, como os mesmos interlocutores, entrevistas abordando tópicos como desafios na produção, impacto econômico e percepções sobre práticas sustentáveis. Miriam Goldenberg (2004) aponta alguns cuidados e limitações com essa metodologia que devem ser considerados, como o possível constrangimento do pesquisado pela gravação de informações e materiais anotados pelo pesquisador. Argumenta que, para reduzir um possível problema, é recomendado um acordo, consentimento negociado previamente. Além disso, é necessário se atentar para que as perguntas sejam objetivas e simples, para não fugir do objetivo e temas.

(...)interesse real e respeito pelos seus pesquisados, flexibilidade e criatividade para explorar novos problemas em sua pesquisa, capacidade de demonstrar compreensão e simpatia por eles, sensibilidade para saber o momento de encerrar uma entrevista ou "sair de cena" e, como lembra Paul Thompson, principalmente, disposição para ficar calado e ouvir. (Goldenberg, 2004).



No período final da pesquisa, será feita uma sistematização de dados que se dará pela organização e análise dos dados coletados utilizando métodos qualitativos, identificando padrões, temas recorrentes e possíveis divergências nos relatos.

Resultados e discussões

No processo do trabalho de campo, estão sendo conduzidas conversas informais, observação participante e a descrição densa no caderno de campo com viés etnográfico. Ainda não foram realizadas entrevistas semiestruturadas, as perguntas estão no processo de formulação na medida em que a observação participante absorve trocas, práticas e outros fragmentos da realidade para registro. A pesquisa visa, inicialmente, proteger a integridade dos interlocutores, o direito ao anonimato se necessário e o processo ético da pesquisa.

Essa pesquisa é realizada estudando três grupos de interlocutores: O primeiro, são os produtores rurais da Associação Sul Mato-Grossense de Produtores Orgânicos e Agroecológicos - ASULPOA. Estes comercializam seus produtos por delivery, encomenda e na Feira Orgânico CG, que é a feira que vende produtos orgânicos e agroecológicos de Campo Grande. São realizadas às quartas-feiras de manhã na Praça do Rádio, sábado de manhã no estacionamento da Prefeitura e domingo de manhã no Parque Sóter.

Os interlocutores da feira de orgânicos tem a impressão de que: “o campo grandense não pegou gosto pelos produtos orgânicos”. Também comentam que a dificuldade não está na produção desses produtos, mas sim na comercialização na cidade. Já estiveram cadastrados na associação mais de 100 produtores, mas que hoje em dia contam com apenas 10. Isso aponta para a pesquisa que estamos diante de um processo de apagamento cultural, organizacional e comercial do grupo. No contexto das feiras de comércio de produtos agroecológicos e orgânicos, já tiveram eventos que contaram com 30 barracas. Hoje em dia, nestas feiras, geralmente a presença é de apenas 3 barracas. Isso também reflete uma perda da condição e incentivo a esse comércio na cidade e a sobrevivência desse grupo nas praças, lugar que o comércio se manifesta.

Outra característica observada nas feiras é a presença do público com pessoas mais idosas do que jovens, o que também pode demonstrar uma relação de intimidade e clientela de anos de relação e de preservação da cultura. A troca dos produtores com consumidores olho no olho, saber quem está vendendo o alimento, a confiança na pessoa que vende, a origem da comida para nutrição. Devida velocidade do mundo e dos compromissos humanos, jovens são observados na praça apenas cruzando para escola, faculdade ou trabalho e não para a feira. Esse público é aglutinado pelo mercado privado, onde o consumidor fica privado das interações sociais e da dinâmica da cidade - prevalece com a oferta dos mais variados produtos em um só lugar. A



otimização de tempo e espaço leva ao consumo de alimentos ultra processados em que a qualidade da comida, o espaço de convivência público, a saúde humana e ambiental ficam em segundo plano dentro da lógica prática.

Outro recorte interessante observado pelos interlocutores é que a venda de seus produtos orgânicos e agroecológicos muitas vezes são a preços mais baratos do que os vendidos no mercado privado. Dessa forma, o consumidor final pode estar pagando no mercado mais caro, sem saber a origem, a qualidade e se o produto contém presença de agrotóxicos nos alimentos. Então, observo a predominância dos mercados que possuem praticamente toda a distribuição dos alimentos, sem o devido controle da qualidade e da quantidade de agrotóxicos sendo comercializados em espaços privados, onde existem poucas interações sociais, onde a dinâmica é o consumidor com o caixa de supermercado ou com uma máquina que o reproduz.

O segundo grupo é o coletivo Enxame Agroecológico, rede de fomento, produção e venda de alimentos agroecológicos da reforma agrária, que comercializa na cidade de Campo Grande no armazém do campo e estão adentrando as feiras de economia criativa, como a Feira Ziriguidum, por exemplo. Além disso, contam com rede de delivery e encomenda das cestas. O Enxame Agroecológico é uma espécie de coletivo em rede que liga os pequenos produtores rurais na produção para plantar, colher e distribuir as produções na cidade, produzindo especialmente no assentamento Geraldo Garcia, em Sidrolândia, e comercializando em Campo Grande - MS.

O terceiro grupo são os interlocutores do sítio Primavesi no assentamento Campo Limpo, em Terenos - MS. É um sítio com práticas agroecológicas de produção, mas que enfrenta dificuldades na produção em decorrência das mudanças climáticas, na venda dos produtos e também para encontrar a mão de obra agroflorestal. Falta incentivo do poder público que poderia facilitar a produção e comercialização dos produtos. Comercializam por encomenda com seus consumidores finais de Campo Grande e também vendem na feira de economia criativa do Bosque da Paz todo terceiro domingo do mês. No momento comercializam produtos artesanais dos frutos do cerrado, e não hortaliças, devido as dificuldades de manter o sítio com essa finalidade de produção. Argumentam que gostariam de manter o sítio e ter uma infraestrutura viável para plantio, transporte e comercialização na cidade.

Conclusões

Esta pesquisa busca responder a questão principal do trabalho, analisando as relações de poder desde a produção agroecológica no campo até seu consumo na cidade, com enfoque na perspectiva dos pequenos produtores rurais e suas dificuldades. Visa produzir conhecimento crítico a partir da antropologia sobre essa temática, pouco explorada, discutida e importante no Mato Grosso do Sul, palco de diversas contradições e disputas de poder que atravessam a relação campo-cidade.



Além disso, este trabalho tem como função fortalecer a construção no campo do conhecimento, de uma narrativa na perspectiva dos pequenos agricultores. A ideia é olhar para o campo, a começar pelas pessoas envolvidas nesse processo com as lentes da antropologia urbana, partindo de uma lógica diferente da proposta pelo agronegócio, em um estado onde tal lógica se constrói como determinante. É esperado dessa pesquisa uma nova perspectiva de ler a cidade partindo da agroecologia, um olhar para Campo Grande – MS que considere esses grupos e sujeitos, demonstrando como produções alternativas são viáveis e como a antropologia urbana pode ajudar a nortear outras frentes de análise. É uma contribuição a partir da prevalência do rural no urbano visando uma cidade ecológica em sua concepção futura de sobrevivência.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer muito a Dra. Hilbaty Rodrigues e a produtora Carline Yumi Ohi, que me ensinaram e ensinam muito até hoje sobre agroecologia, as considero referências nacionais que espalham muitas sementes da agroecologia pelo Mato Grosso do Sul.

Referências

BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Apresentação Plano Safra**, 2023.

CACHADO, Rita. **Diário de campo**. Um primo diferente na família das ciências sociais. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (Cies). Lisboa, Portugal, 2021.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia**: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. Simpósio Nacional sobre o Cerrado e o Simpósio Internacional sobre Savanas Tropicais, 2009.

CEPEA. **PIB do Agronegócio. PIB do Agronegócio cai no terceiro semestre e acumula baixa de 0,91% em 2023**. USP.

Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx>. Acesso em: 22/12/2023.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FAO. **The State Of Food Security and Nutrition in the World**.



IBGE. **Atlas do Espaço Rural Brasileiro**. Coordenação de Geografia, 2020.

LAZZARI, Francini Meneghini e SOUZA, Andressa Silva. **Revolução Verde**. Impactos sobre os conhecimentos tradicionais. UFSM. Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade, 2017.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto. O município e o regime representativo no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LOCATEL, C. D. Da dicotomia rural-urbano à urbanização do território no Brasil. **Mercator**, Fortaleza, v. 12, n. esp. 2, pp. 82-102, set. 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia Como Prática e Experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAP BIOMAS. **Relatório Anual do Desmatamento do Brasil**. RAD, 2022. Disponível em: <https://alerta.mapbiomas.org/relatorio>. Acesso em: 20/12/2023.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antônio; GOLDFARB, Yamila. **O agro não é tech, o agro não é pop e muito menos tudo**. Friedrich-Ebert-Stiftung–Agronegócio: um negócio global. São Paulo, 2021.

PRIMAVESI, Ana Maria. Recortes do livro: **Fundamentos da Agroecologia**. p.30, 2001. Disponível em: <https://anamariaprimavesi.com.br/2020/01/17/fundamentos-de-agroecologia/> Acesso em: 10/12/2023.

URIARTE, Urpi Montoya. **O que é fazer etnografia para antropólogos**. Pontourbe. Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, 2012.